

EXPANDINDO AS MARGENS DO ATLÂNTICO NEGRO: LEITURAS SOBRE BOOKER T. WASHINGTON NO BRASIL

Sabrina Gledhill*

Recebido 15/10/2013
Aprovado 10/12/2013

Resumo: Este trabalho mostra as várias maneiras em que Booker T. Washington (c.1856-1915) foi caracterizado na imprensa brasileira na primeira metade do século XX e uma das maneiras pelas quais os intelectuais negros desse País poderiam saber de sua vida e obra. No seu tempo, Washington foi considerado o negro mais famoso do mundo. Após a serialização de seu trabalho mais conhecido, *Up from Slavery* (Superando a escravidão), em 1900/1901, uma resenha da autoria de uma jornalista francesa foi publicada em vários números do *Diario da Bahia* in 1902, mas a autobiografia do educador negro só foi lançada no Brasil em 1940, com o título *Memórias de um negro*, traduzida por Graciliano Ramos.

Palavras-chave: Booker T. Washington – imprensa – Brasil.

Abstract: This paper describes how Booker T. Washington (ca.1856-1915) was characterized in Brazilian newspapers in the first half of the twentieth century, and how black intellectuals in that country could have learned about his life and work. In his day, Washington was considered the most famous black man in the world. Following the serialization of his best-known work, *Up from Slavery*, in 1900/1901, a seven-section report on the book by a French journalist was published in *Diario da Bahia* in 1902, although the memoir itself was only translated into Brazilian Portuguese by Graciliano Ramos in 1940.

Keywords: Booker T. Washington – newspapers – Brazil.

Ainda que o educador afro-americano tenha alcançado renome nos Estados Unidos em 1895, quando seu discurso na Exposição de Atlanta ungiu-o como o sucessor de Frederick Douglass, sete meses após o falecimento do ex-abolicionista, foi a publicação do livro *Up from Slavery*, em 1901, que transformou Booker T. Washington no “negro mais famoso do mundo”.¹

Neste mesmo ano, Washington ganhou notoriedade internacional quando aceitou o convite de Theodore Roosevelt para jantar na Casa Branca. Tal convite,

* Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAO/UFBA) e bolsista da Capes. E-mail: sabrina.gledhill@gmail.com

¹ A autobiografia mais conhecida de Booker T. Washington, *Up from Slavery* foi serializada em *The Outlook*, uma revista semanal sediada na cidade de Nova York, de 3 de novembro de 1900 a 23 de fevereiro de 1901, antes de ser lançada em forma de livro pela editora Doubleday, Page and Company, também de Nova York, em 1901. FISHER, Isaac. The Funeral of Booker T. Washington. *Montgomery Advertiser*, Nov. 21, 1915, p. 16. Disponível em <<http://www.btwociety.org/library/honors/05.php>> Acesso em 4 de abril de 2013.

aparentemente inofensivo, enfureceu os supremacistas brancos do Sul, para os quais um homem negro sentar-se na mesma mesa com um branco, especialmente o presidente dos Estados Unidos – juntamente com a primeira dama e família – era um péssimo precedente de igualdade racial. Além disso, representava o perigo da miscigenação, devido a sua proximidade com mulheres brancas.²

A comoção deflagrada por esse jantar causou um grande revés para as tentativas de Washington de administrar uma coexistência pacífica com os supremacistas brancos, que reagiam violentamente ao menor sinal de oposição à segregação racial.³ Porém, o mais duro golpe no prestígio de Washington viria dois anos depois, quando W.E.B. Du Bois censurou publicamente a maneira com que Washington abordava as relações raciais e a educação do negro, num ensaio intitulado “Sobre o Sr. Booker T. Washington e outros,” editado em sua obra mais conhecida, *As Almas da Gente Negra*,⁴ lançada na cidade de Chicago em 1903.

O objetivo deste ensaio é analisar como os brasileiros -- principalmente os intelectuais e militantes afro-brasileiros – entraram em contato com a trajetória de vida e a obra de Washington, construindo opiniões ao longo do século XX e início do século XXI. Embora Gilroy⁵ utilize navios como metáfora para a circulação de pessoas e informações no Atlântico Negro, havia outras maneiras de disseminar o conhecimento no Atlântico Norte e Sul, das mais tradicionais, como traduções e jornais, até inovações tecnológicas como o telefone e o telégrafo. Aprender a ler em português, mais ainda em línguas estrangeiras, era um privilégio de poucos no Brasil do início do século XX. Ainda assim, em 1916, um intelectual afro-brasileiro deixou explícito que sabia da existência e ações de Washington, expressando admiração pelo educador afro-americano em termos inequívocos.

² Ver DAVIS, Deborah. **Guest of Honor: Booker T. Washington, Theodore Roosevelt, and the White House Dinner that Shocked a Nation**. Nova York: Atria Books, 2012.

³ Segundo o Senador Benjamin Ryan Tillman, da Carolina do Sul, alcunhado de “Pitchfork Ben” (Ben da Forquilha): “A atitude de Presidente Roosevelt de receber esse crioulo necessitará que matem os crioulos no Sul até que eles aprendam seu lugar mais uma vez”. NORRELL, Robert J. **Up from History: The Life of Booker T. Washington**. Cambridge, Mass., Londres: Belknap Press of Harvard UP, 2009. p. 246.

⁴ DU BOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Trad., introdução e notas de Heloísa Toller Gomes. Posfácio de David G. Du Bois. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

⁵ GILROY, Paul. **The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness**. Cambridge, Mass.: Harvard UP, 1993.

Lendo sobre *Up from Slavery* no Brasil

O livro *Up from Slavery* – redigido por um *ghostwriter*, o redator de discursos e publicista branco Max Bennett Thrasher, e destinado primordialmente a leitores brancos – apresenta uma “história de Horatio Alger,” ainda mais comovente por se tratar de uma narrativa escrava. Além de consolidar a posição de Washington como líder da comunidade negra, alavancou a arrecadação de fundos para o Instituto Tuskegee, a escola normal e industrial que ele fundou no estado da Alabama em 1881, e que foi também responsável por sua fama ao redor do mundo. Essa segunda autobiografia logo seria traduzida para vários idiomas.⁶ Uma edição francesa foi lançada em 1904, *L'autobiographie d'un nègre*, traduzida por Othon Guerlac (1870-1933), cidadão norte-americano de ascendência francesa da Alsácia, formado na França.⁷

Em 1916, escrevendo na Cidade da Bahia, o intelectual afro-brasileiro supracitado, Manuel Querino, indagou: “Quem desconhecerá, porventura, o prestígio do grande cidadão americano Booker Washington, o educador emérito, o orador consumado, o sábio, o mais genuíno representante da raça negra na União Americana?”⁸ Como chegou a tal avaliação? É possível que tenha lido a tradução de seu tutor, Manuel Correia Garcia, de francês tão fluente que, “entusiasmada pelo modo com que se ouve o jovem baiano, manejando com maestria a língua que Racine tanto enriquecera, [a comissão de um instituto normal de Paris] resolveu dispensá-lo do exame das outras matérias”.⁹ O próprio Querino estudou a língua de Racine no Liceu de Artes e Ofícios da Bahia¹⁰ e a utilizou nas suas obras.¹¹ Entretanto, é mais provável que

⁶ A primeira autobiografia de Washington, *The Story of my Life and Work*, foi escrita por um *ghostwriter* negro, o jornalista Edgar Webber. Dirigido a leitores negros, o livro vendeu bem, mas para Washington, sua qualidade deixava muito a desejar. Segundo Harlan, “Se Washington às vezes parecia ser insensível ao papel do autor e suas responsabilidades como tal, foi, em parte, porque ele era um homem público cujo tempo não era inteiramente seu. E ele manteve um controle mais rígido sobre seu *ghostwriter* [Thrasher], lembrando-se, talvez, dos equívocos de Edgar Webber”. Um de seus *ghostwriters* foi Robert Park, que se tornaria um dos fundadores da Escola de Sociologia de Chicago. HARLAN, Louis R. **Booker T. Washington: The Making of a Black Leader, 1856-1901**. 1ª edição. Londres, Oxford, Nova York: Oxford University Press, 1972.; _____. **Booker T. Washington: The Making of a Black Leader, 1856-1901**. Londres, Oxford, Nova York: Oxford UP, 1975. p. 247.

⁷ COOK, Mercer. Booker T. Washington and the French. **The Journal of Negro History**, v. 40, n. 4, p. 318-340, Oct., 1955. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2715657>> Acesso em 22 de abril de 2012. p. 319-320.

⁸ QUERINO, Manuel. **Costumes africanos no Brasil**. 2ª ed. Organizado com prefácio e notas de Raul Lody. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1988. p. 23.

⁹ QUERINO, Manuel. Notícia biographica do Dr. Manuel Correia Garcia. In: **O Instituto Histórico da Bahia e seu Periódico (1856-1977) Edição fac-similar**. Salvador: A Fundação, 2001. p. 33.

¹⁰ QUERINO, Manuel. **A Bahia de outrora**. 3ª ed. Prefácio e notas de Frederico Edelweiss. Salvador: Livraria Progresso, 1946. p. 6.

tenha lido resenhas da autobiografia num jornal soteropolitano em 1902. Isso, graças a jornalistas franceses e tradutores que ajudaram a expandir as margens do Atlântico Negro, inicialmente anglófonas,¹² e torná-las políglotas e globais, fazendo com que as notícias sobre Washington e suas atividades nos Estados Unidos e na Europa chegassem ao Brasil e, em especial, a um pesquisador negro do Nordeste.

É difícil determinar, com precisão, quando os brasileiros souberam de Washington. Ao que parece, ele se tornou conhecido por causa do jantar na Casa Branca, consequência da edição do livro *Up from Slavery*, e por seu trabalho como educador. Pelo menos dois jornais brasileiros traduziram e publicaram resenhas francesas da edição em inglês de *Up from Slavery*. “O negro da cara branca” apareceu na primeira página do *Diário da Bahia* no dia 20 de março de 1902, uma quinta-feira.¹³ Essa nota anônima, que também foi publicada com o título “O preto no branco” em *O Paiz*, no Rio de Janeiro, em 3 de maio do mesmo ano, menciona uma resenha elogiosa da autoria de Augustin Léger. Além de fornecer um resumo de *Up from Slavery*, faz duas menções ao tal escandaloso jantar na Casa Branca, observando que o *Diário da Bahia* já o tinha noticiado. O autor desconhecido conclui a nota assim:

E no meio de todas as indignações e de todas as revoltas que se levantam nos Estados Unidos quando o sabem sentado à mesa do presidente, há uma coisa admirável e verdadeiramente assombrosa: é ver-se a paixão e o ardor que esse homem gasta e emprega, para conseguir que perdoem aos seus semelhantes, esse *crime* pavoroso de possuir, debaixo da epiderme, um lamentável pigmento que os enegrece, contra vontade, à força [itálico no original].

¹¹ Ver, por exemplo, o artigo “Contribuição para a história das artes na Bahia: os quadros da Catedral,” em que Querino cita um diplomata brasileiro em francês. QUERINO, Manuel. Contribuição para a história das artes na Bahia: os quadros da Catedral. In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA Hugo (Orgs.). **Manuel Querino, Seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**. Salvador, Bahia: IGHB, 2009. p. 135.

¹² GILROY, Paul. **The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness**. Cambridge, Mass.: Harvard UP, 1993.

¹³ Criado em 1856, o *Diário da Bahia* foi um dos mais importantes jornais soteropolitanos. Na época em que as resenhas aqui discutidas foram publicadas, seu proprietário era o presidente do Estado da Bahia (1900/1904), Severino Vieira (Senado Federal – Portal Senadores). Segundo o historiador Cid Teixeira, o político, advogado e jornalista era “quase negro”. No entanto, devido ao complexo sistema de identificação étnico/racial no Brasil, com base nas variações de características faciais, tipo de cabelo, cor da pele, classe social e poder, é improvável que Vieira se considerasse ou fosse visto como “negro,” devido ao fenômeno que Carl Degler chama de *mulatto escape hatch*. LEAL, Claudio; ALBERGARIA, Roberto. ‘Cid Teixeira: “O certo seria o Dia da Consciência Mulata”’. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4253618-EI6581,00-Cid+Teixeira+O+certo+seria+o+Dia+da+Consciencia+Mulata.html>> Acesso em 18 de maio de 2013.; DEGLER, Carl. **Neither Black nor White: Slavery and Race Relations in Brazil and the United States**. Madison, Wisconsin: U Wisconsin P, 1971.

Aparentemente publicada em resposta a esse artigo, embora tenha aparecido nas páginas do jornal apenas dois dias depois, a longa resenha de *Up from Slavery*, editada em séries no *Diário da Bahia*, entre março e abril de 1902, também indica que Washington já era conhecido dos leitores soteropolitanos. Isso apareceria explícito na apresentação, também de autoria anônima:

Sr. redator do Diário da Bahia – Da notícia, porventura de transcrição, saída nessa folha, sob o título “o negro da cara branca” se pode depreender que Booker Washington só tem recebido hostilidades dos brancos dos Estados Unidos do Norte.

Não é tanto assim: nem a única distinção que lhe tenha chegado por parte da presidência da República, foi essa do sr. Roosevelt tê-lo sentado à sua mesa com escândalo, diga-se, não de todos os americanos brancos, mas de quantidade destes, embora até da maioria, nunca, porém, da nacionalidade.

Neste pensamento e por motivo da vossa notícia do juízo crítico de Augustin Leger sobre a autobiografia de Booker Washington, resolvi submeter ao vosso generoso acolhimento paginas de Th. Bentzon, de crítica também à mesma obra desse negro ilustre, cuja biografia é um foco de brilhantes exemplos para edificação de todas as raças.

Folgarei em que sejam publicadas, tão interessante e útil é a história desse negro superior.¹⁴

É possível inferir que Booker Washington já fosse tão conhecido no Brasil que dispensasse apresentação, e que as repercussões do famoso jantar na Casa Branca já houvessem atravessado o Atlântico. A versão original da entusiasmada resenha de *Up from Slavery*, do estudioso e autor francês Augustin Léger, foi publicada na França, no *Le Correspondant*, em 10 de fevereiro de 1902 e, segundo Cook, “Começou com uma referência ao jantar na Casa Branca, que o francês não considerou de grande interesse”.¹⁵ Léger considerou a autobiografia de Washington como o “companheiro perfeito” para *A Cabana do Pai Tomás*. Também registrou o sucesso de Washington como “orador, educador e amigo de presidentes,” elogiando sua “fusão de qualidades viris, resistência, tenacidade, espírito positivo e forte determinação que [...] hoje caracteriza os cidadãos americanos de grande maneira.” No entanto, duas páginas depois, expressou também o receio de que o prestígio de Washington pudesse levar a “um novo surto do tipo mais feroz do preconceito” e questionou se, sendo um “mulato,”

¹⁴ *Diário da Bahia*, 22 de março de 1902, p. 2

¹⁵ COOK, Mercer. Booker T. Washington and the French. *The Journal of Negro History*, v. 40, n. 4, p. 318-340, Oct., 1955. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2715657>> Acesso em 22 de abril de 2012. p. 321.

ele poderia representar “apenas uma exceção extraordinariamente feliz” que “parece testemunhar a excelência de mestiços que, mesmo nos casos mais favoráveis, estão sujeitas a terríveis tendências atávicas e na maioria das vezes levam à degeneração desastrosa”.¹⁶

O nome Th Bentzon era “muito difundido em todo lugar onde se lê habitualmente o francês,”¹⁷ segundo o obituário publicado com destaque no *Correio Paulistano* no dia 15 de fevereiro de 1907,¹⁸ e que mencionava a resenha sobre *Up from Slavery* como um dos destaques de sua carreira:

Traduzindo longos trechos da obra do sr. Booker Washington, *Up from Slavery*, e desenhando a simpática fisionomia do ilustre educacionista negro, a sra. Bentzon continuou no seu trabalho meritório de popularizar e internacionalizar as ideias anglo saxônicas mais generosas.¹⁹

Os longos trechos do livro transcritos na resenha de Benzton – publicada em 11 edições do *Diário da Bahia*, sempre na segunda página – podem ter sido a única tradução em português de *Up from Slavery* à qual os brasileiros tiveram acesso até o ano 1940, quando Graciliano Ramos o traduziu com o título de *Memórias de um negro*. A resenha original de Benzton foi publicada na França na revista mensal *Revue des Deux-Mondes* em outubro de 1901.²⁰

O último capítulo, que saiu no *Diário da Bahia* em 15 de abril de 1902, é assinado por Th Bentzon, o pseudônimo da jornalista, escritora, tradutora e aristocrata francesa Marie-Thérèse de Solms Blanc (1840-1907). Bentzon era o sobrenome de sua mãe. Influenciada pela romancista francesa George Sand, a quem conheceu através de seu padrasto, Bentzon começou a produzir traduções, resenhas de livros, relatos de viagem e ficção e seus trabalhos foram publicados por importantes revistas literárias na

¹⁶ COOK, Mercer. Booker T. Washington and the French. **The Journal of Negro History**, v. 40, n. 4, p. 318-340, Oct., 1955. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2715657>> Acesso em 22 de abril de 2012. p. 321.

¹⁷ “Escrevendo durante muitos anos na *Revista Azul [Revue Bleue politique et littéraire]* e na *Revista dos Dois Mundos [Revue des Deux-Mondes]*, o seu público é o grande público e os seus escritos são lidos com agrado em toda a parte para onde se tem estabelecido de Paris uma corrente de ideias e de sentimentos.” *Correio Paulistano*, 15 de fevereiro de 1907, p. 8.

¹⁸ *Correio Paulistano* no dia 15 de fevereiro de 1907, p. 8.

¹⁹ O obituário também elogia a resenha que Bentzon fez do romance *Canã* de Graça Aranha.

²⁰ A resenha de Bentzon não foi o primeiro artigo publicado em francês no *Revue des Deux-Mondes* que apareceu em português no *Diário da Bahia*. Encontrei outro, intitulado “Uma correspondência inédita de Padre Didon” sobre o religioso, escritor e educador franco-dominicano, que também era um opositor ferrenho do divórcio, cujo primeiro capítulo saiu no dia 8 de março de 1902. COOK, Mercer. Booker T. Washington and the French. **The Journal of Negro History**, v. 40, n. 4, p. 318-340, Oct., 1955. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2715657>> Acesso em 22 de abril de 2012. p. 319-320.

França. Escreveu também vários romances. Visitou os Estados Unidos em 1895 e 1897, e escreveu sobre essas viagens. Também viajou para o Canadá, a Inglaterra, a Alemanha e a Rússia. Como tradutora e crítica literária, ajudou os leitores franceses a conhecer melhor os trabalhos de vários autores anglófonos, como Henry James, Mark Twain e Walt Whitman, além de Booker T. Washington.²¹ Segundo Mercer Cook,²² Bentzon pode ter sido responsável pela primeira menção a Washington na imprensa francesa. Sabe-se que ela assistiu um discurso importante que ele proferiu na ocasião da inauguração de um monumento ao coronel Robert Gould Shaw e ao 54º Regimento de Massachusetts,²³ na cidade de Boston no dia 31 de maio de 1897. Segundo Bentzon, sua oratória ofuscou os outros palestrantes, inclusive o eminente filósofo e professor da Universidade de Harvard, William James:

Por mais brilhantes os oradores, o maior sucesso parece ser o de Boker [*sic*] Washington, professor em uma universidade Negra, que fala como representante das pessoas de cor, e deve-se admitir que ele se parece com qualquer outro negro. No entanto, sob essa pele escura e essas feições achatadas, há uma fina inteligência. Num breve discurso, em que cada palavra encontrou seu alvo e com uma abundância de ideias gerais, ele prova que a abolição da escravidão libertou não só os negros, mas que tem acima de tudo libertado aos brancos, cujo desenvolvimento moral era impossível sob esse regime iníquo. Ele não exagera os avanços já alcançados por sua raça; ele enumera firmemente todas as qualidades que ainda lhes faltam, mas ele tem fé num futuro auxiliado pelo colégio, a escola industrial, pelo esforço habitualmente sustentado. Fazer nosso dever no campo de batalha não é a tarefa mais difícil. Um dia virá em que nada do que é permitido ao homem branco será negado ou recusado ao negro. Seu tom é orgulhoso, sem jactância. Boker [*sic*] Washington permanecerá na memória dos moradores de Boston como a figura principal, a atração principal do dia, acima de tudo, como um argumento vivo em favor de sua causa.²⁴

Bentzon também destacou a oratória de Washington e descreveu sua aparência – para ela, nada descomunal – na sua resenha de *Up from Slavery*. Entretanto, seu enfoque

²¹ GALE, Robert L. Marie-Thérèse de Solms Blanc. *In: A Sarah Orne Jewett Companion*. Westport, Conn.: Greenwood Publishing Group 1999. p. 28.

²² COOK, Mercer. *Op. Cit.*, p. 319.

²³ Col. Robert Gould Shaw (1837-1863) foi um oficial branco que liderou um regimento de infantaria negro durante a Guerra da Secessão. Ele morreu durante a segunda Batalha do Forte Wagner, próximo à cidade de Charleston, na Carolina do Sul, e foi enterrado numa vala comum, junto com seus soldados. Hoje, o monumento, esculpido por Augustus Saint-Gaudens, é um dos destaques do acervo da National Gallery of Art em Washington, DC. Ver DUNCAN, Russell. **Where Death and Glory Meet: Colonel Robert Gould Shaw and the 54th Massachusetts Infantry**. Athens, Georgia, and London: U of Georgia P, 1999.

²⁴ Originalmente publicado na revista francesa *Revue des Deux-Mondes* no dia 1º de dezembro de 1898. Citado em COOK, Mercer. *Op. Cit.*, p. 319.

foi na própria autobiografia, que caracterizou como “uma obra de reconciliação, um livro de conselho para a solução do mais difícil problema social,” que “promete tornar-se a bíblia de uma raça, a estrela que, de fato, guiá-la-á para frente, sempre prudente e seguradamente”.²⁵

A resenha começa abordando uma das realizações mais marcantes da vida do jovem Booker: uma viagem de mais de 500 quilômetros, de sua casa, na cidade de Malden na Virgínia Ocidental, até o Instituto Hampton, no estado da Virgínia, no ano 1872, vestindo farrapos, passando fome, dormindo nas calçadas porque as pousadas não admitiam negros.²⁶ Bentzon percebe neste episódio uma semelhança com a narrativa da viagem história de Benjamin Franklin de Nova York à Filadélfia, embora Franklin não fosse um liberto e nunca tivesse deixado de ser alojado por causa de sua cor.²⁷ Entretanto, esse não era o único ponto de semelhança entre os dois, já que os provérbios de Franklin, que pregavam humildade e frugalidade no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, chegaram a ser comparados com as homílias do educador negro. Teriam estes influenciado o pensamento de Washington?

Após o relato de sua odisséia, que considera uma interessante evocação jornalística, Bentzon retorna ao início da história de Washington, o ponto em que *Up from Slavery* realmente começa, o nascimento de Booker, ainda sem sobrenome, e sua infância, citando um longo trecho do primeiro capítulo, “Um escravo entre escravos”:

Nasci escravo numa plantação do condado de Franklin, na Virginia: não sei ao certo o lugar propriamente em que nasci nem a data de meu nascimento, o que não se discute é que tenha nascido em algum momento e em qualquer lugar [...]. As impressões mais antigas que tenho são as da plantação e da senzala”.²⁸

E à experiência de sua família no cativeiro, Washington acrescenta:

Não havia escolas para os negros, entretanto acompanhei mais de uma vez uma senhora moça à sua classe e levava-lhes os livros; recorde-me da impressão que senti vendo meninos e meninas absorvidos no estudo. Tive

²⁵ *Diário da Bahia*, 28 de março de 1902, p. 2.

²⁶ Um dos vários biógrafos de Washington, Arna Bontemps, o “escritor em residência” na Universidade de Fisk, que também escreveu uma biografia de Frederick Douglass, inicia sua história com o mesmo episódio. BONTEMPS, Arna. **Young Booker: Booker T. Washington’s Early Days**. Nova York: Dodd, Mead & Company, 1972.

²⁷ FRANKLIN, Benjamin. “Franklin’s Arrival in Philadelphia”. 1846. Disponível em <<http://genealogytrails.com/main/phillyarrival.html>> Acessado em 6 de abril de 2013.

²⁸ *Diário da Bahia*, 22 de março de 1902, p. 2.

então a ideia de que frequentar a escola era uma coisa semelhante a entrar no paraíso...²⁹

Assim termina o primeiro capítulo da resenha.

O restante do texto, cujo total chega a quase 40 páginas quando transcrito, continua no mesmo estilo: interpretações e análises da autobiografia, intercaladas com longos trechos traduzidos do original. O enfoque principal é a mocidade e a formação de Booker, principalmente suas experiências como aluno e professor no Instituto Hampton e como fundador do Instituto Tuskegee em 1881.

No capítulo publicado no *Diário da Bahia*, em 25 de março de 1902, Bentzon destaca a posição que Washington tomaria mais tarde sobre “o problema da escravidão,” e que ela considerou mais ampla e precisa, e em seguida cita este trecho, que varia um pouco do original:

Não há razão de censurar a população branca do sul;³⁰ nenhuma região do país é culposa de tê-la introduzido, acrescentando que por longos anos foi protegida e garantida pelo governo geral [...]
Desde que cheguei à idade de razão, [penso] que o negro tirou do cativo a mesma soma de bens e de males que o branco colheu.

O capítulo de 28 de março começa com elogios ao zelo de homens e mulheres que trabalharam para a “regeneração do liberto.” Bentzon observa que Washington comenta o mínimo possível as dificuldades de sua vida na cidade de Malden, entre 1876 e 1877, depois que se formou no Instituto Hampton. Expressando-se em termos que parecem simpatizar com uma das entidades que mais perseguiram o negro, ela afirma, claramente, um fato que o educador tentou amenizar:

Era tempo de grande atividade de Ku-Klux-Klan, movimento quase fantástico após a guerra civil prolongando-a além da proclamação da paz ilusória. Para resistir aos abusos insuportáveis de políticos, que foram castigados com o epíteto de *carpet-baggers* formou-se uma liga branca: lutas até homicidas travaram-se entre ela e a polícia metropolitana. Infelizmente as numerosas sociedades secretas, envolvidas nesta guerra oculta, levaram muito longe o terror que devia impedir os negros de se reunirem para conseguir o escrutínio. Entre os indivíduos disfarçados para esta polícia figuravam verdadeiros bandidos: a máscara Ku-Klux abrigou muitas paixões, assim é que houve inocentes martirizados até a morte e escolas

²⁹ Ibidem.

³⁰ No original (tradução nossa): “Há muito deixei de nutrir qualquer amargura contra a população branca do sul por causa da escravização de minha raça”. WASHINGTON, Booker T. **Up from Slavery**. Nova York: Signet Classic, 2000. p. 11.

incendiadas porque os instrutores que punham termo a ignorância secular dos negros eram mais que suspeitos. Booker Washington evita insistir neste período sombrio da reconstrução.³¹

É neste contexto que Bentzon caracteriza *Up from Slavery* como um “trabalho de reconciliação” e “bíblia de uma raça.”

No capítulo seguinte, publicado em 1º de abril de 1902, Bentzon começa com elogios à oratória de Washington e, em seguida, conta casos em que Booker e Frederick Douglass foram racialmente discriminados. Por exemplo, um aluno indígena, que Booker acompanhava, foi atendido num estabelecimento que se recusou a receber o professor negro. Nas palavras de Bentzon:

O Pele Vermelha era recebido com benevolência, e o negro absolutamente repellido. Estes incidentes não são raros! Frederico Douglass, o homem de cor mais distinto por talentos superiores, fez uma viagem para a Pensilvânia em carro de bagagem não obstante ter comprado bilhete de classe de viajantes.

Alguns brancos tendo lastimado que lhe fosse inflicta semelhante vergonha, Douglass levanta-se da mala em que estava assentado e responde-lhes: “Ninguém envergonha a Frederico Douglass. Esta insolência só degrada aos que a praticam.”³²

Aqui, Bentzon faz uma comparação direta entre Douglass e Washington, afirmando que Booker preferia deixar as “réplicas mordazes” de lado, limitando-se a observar que “muitas vezes os chefes de trem veem-se em grandes embaraços para decidir quem é de mais cor ou menos cor.”

No próximo capítulo, de 3 de abril de 1902, Bentzon analisa a filosofia pedagógica de Washington: “Percorrei nossas cidades do sul, diz Washington, e indagai quem são os homens de cor mais honestos e influentes da localidade. Sabereis que em cinquenta por cento dos casos trata-se de negros que ao tempo da escravidão aprenderam um ofício.”

Bentzon comenta que Washington acreditava que qualquer projeto para a educação do negro deveria levar em consideração os conhecimentos que já adquiridos:

A certo respeito cada plantação grande do sul era uma espécie de escola prática de agricultores, pedreiros, carpinteiros, cozinheiros, tecelões, costureiras etc. O ensino tinha um cunho egoístico e a inteligência não se desenvolvia paralela à mão, ainda assim esta educação fragmentária permitia

³¹ Ibidem.

³² *Diário da Bahia*, 1 de abril de 1902, p. 2.

ao liberto ganhar a vida. Cumpria, pois, aperfeiçoá-la, desenvolve-la, tanto mais quanto a prosperidade do sul dependia do trabalho do negro, obrigatório até a véspera. Foi um erro pretender construir sobre os alicerces da escravidão, o que na Nova Inglaterra se edificara sobre os fundamentos da liberdade.³³

Entretanto, vinte anos após a Emancipação em 1865, os libertos que quando escravos aprenderam ofícios nas *plantations* começavam a desaparecer, sem que houvesse pessoas qualificadas para substituí-los. Em vez de artes e ofícios, os negros adquiriram conhecimentos superficiais de ciência e letras, que, segundo Bentzon, “apenas servia para irritar os brancos e agravar o preconceito.” Para Washington, seria um absurdo dizer que não havia nenhuma diferença entre negros e brancos e que todos deveriam receber o mesmo tipo de instrução, sem levar em consideração as circunstâncias desiguais que viveram no passado.

No capítulo seguinte, de 6 de abril, a resenhista retorna ao assunto da oratória de Washington (os capítulos XIII a XV da autobiografia são dedicados ao seu sucesso nessa área) e observa que ele havia surpreendido seus públicos branco-sulistas quando elogiou o Sul pelo bem que podia fazer, nas palavras de Booker, “debalde esperaram ouvir este negro insultar os antigos estados escravistas.” Segundo Bentzon, “Sua linha de ação não variou desde que se estabeleceu em Tuskegee e prometera fazer justiça a brancos e pretos. Entretanto, esta política não o impede de denunciar com sinceridade as lesões de que a população de cor era vítima.” Enfatiza, ainda, uma das posições mais polêmicas de Washington: “Quanto ao exercício do voto, o negro deve atender mais e mais aos interesses da comuna em que vive, cujo futuro depende dele em grande parte.” Como sempre, Washington transmitia uma mensagem para os brancos e outra para os negros:

Sua fé robusta é comunicativa: no norte é solicitado tanto por brancos como por negros: dos primeiros consegue recursos para alargar a sua escola; e aos outros prega com veemência a necessidade da educação industrial e técnica, a inutilidade das agitações políticas que só redundariam em prejuízo aos direitos de sufrágio. A educação e a propriedade, ambas reunidas, são os únicos elementos que dão direito de votar.

³³ Washington afirmou: “De uma coisa eu me sentia mais fortemente convencido do que nunca, depois de passar [um] mês observando a vida real das pessoas de cor, e que era que, para soerguê-los, algo deve ser feito mais do que simplesmente imitar a instrução da Nova Inglaterra, tal como era na época. Vi, então, mais claramente do que nunca, a sabedoria do sistema que o General Armstrong tinha inaugurado em Hampton”. WASHINGTON, Booker T. **Up from Slavery**. Nova York: Signet Classic, 2000. p. 82.

Uma das acusações mais graves contra Washington era seu suposto “comodismo.” Bentzon cita um “confederado antigo” que o descreve em termos que lembram a estratégia de não violência de Martin Luther King Jr., taxado de “negro da casa grande de nossos tempos” por Malcolm X:³⁴

Nunca fez especialidade de agitador de bandeira vermelha diante de cada Touro que encontrasse; em compensação, porém, conseguiu o que todos os livros, discursos, prospectos incendiários, lei marcial, decretos e emendas à Constituição não puderam fazer [...] Por métodos pacíficos inspirados em Jesus Cristo, Booker Washington venceu onde César seria derrotado.

A autora francesa adverte que Washington sempre quis ser ouvido por uma plateia “de antigos confederados proprietários de escravos,” e seu sonho se concretizou quando preferiu seu famoso discurso na Exposição de Atlanta em 1895.³⁵ Conclui este capítulo com a advertência de que aquela foi a primeira vez que um negro dividiu a mesma tribuna com brancos num evento nacional nos Estados Unidos.

O capítulo publicado em 9 de abril, descreve o impacto de seu discurso mais notório e o reconhecimento que recebeu de figuras relevantes da época, como o presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland. As maiores queixas vieram de outros negros que queriam que Washington reivindicasse mais direitos para seu povo. Entretanto, ele afirmara: “É justo que gozemos de todos os privilégios que a lei concede, porém é infinitamente mais importante que estejamos preparados para o exercício deles. Na atualidade deve preocupar mais o direito de ganhar cem soldos numa fábrica do que despenderlos numa sala de ópera,” e “para as coisas propriamente mundanas, brancos e pretos, podemos estar tão estanques como os dedos de cada mão e, entretanto, não formarmos senão um todo no que é essencial ao progresso comum.”

Neste capítulo, Bentzon dá seu depoimento sobre a oratória de Washington, que ela presenciara, ao tempo que revela seus próprios preconceitos:

Tive ocasião de vê-lo em 1897 entre notabilidades que vieram do Boston inaugurar o monumento do coronel Shaw, jovem oficial que morreu com heroísmo à frente de um regimento de negros [...] Os personagens mais influentes e mais distintos acercaram-se do governador dos Massachusetts e, à primeira vista, o presidente de Tuskegee faria modestíssima figura. O sangue de branco que deve correr-lhe nas veias não apagou nenhum dos traços característicos da raça. É um negro como os

³⁴ MARABLE, Manning. **Malcolm X: A Life of Reinvention**. Nova York: Viking, 2011. p. 264-265.

³⁵ Bentzon erra a data, informando que o discurso teria ser proferido em 1893.

demais: lábios preeminentes, nariz achatado, maxila pesada, tendo, porém, no olhar uma expressão de bondade inteligente e na voz sonoridade e segurança. Coube-lhe o sucesso oratório do dia. O negro, em Boston, fora precedido da legítima reputação que o fizera ser o primeiro da raça distinguido com o diploma de membro honorário da Universidade de Harvard. Quando ergueu a sua alta estatura, todos sentiram que estavam diante de uma força [...]

O governador [Wolcott] entusiasmou-se e ergueu “Três *Cheers* por Booker Washington!” Ninguém foi aclamado com tamanho entusiasmo. Tomado da emoção geral, o sargento negro que sustinha a bandeira agitou-se com um gesto arrebatador: era o mesmo que, após a batalha onde caíra uma parte do regimento tinha exclamado: “Não importa! A bandeira velha nunca caiu na terra.”

Repito, o discurso de Washington eclipsara a todos os que se pronunciaram nesse dia.³⁶

Na Parte VI, publicada no dia 13 de abril, afirma que o Instituto Tuskegee funcionava bem, mesmo quando Washington estava ausente, porque não dependia apenas de um homem, sua administração reunia 86 pessoas e funcionava como uma máquina (possivelmente, uma referência velada à “Máquina de Tuskegee”). Observa que os formandos do Tuskegee voltavam para suas cidades maternas, de bom grado, para inaugurar escolas, organizar grêmios e fazer outros tipos de trabalhos visando o soerguimento da comunidade negra local, uma vez que a maioria de seus integrantes vivia na pobreza, e afundada em dívidas.

Bentzon tece elogios rasgados à vida familiar de Washington, mas confunde suas esposas (ele enviuvou duas vezes e na época em que lançou *Up from Slavery* era casado em terceiras núpcias com Margaret Murray Washington). Mas, define as observações de Washington sobre suas viagens à Europa em 1898 como “o que há de menos justo e interessante no *Up from Slavery*.” É provável que se tenha ofendido com a seguinte análise sobre seus conterrâneos:

O amor ao prazer e a emoção que parece em grande medida possuir o povo francês me impressionou. Eu acho que eles são mais notáveis nesse respeito do que acontece com as pessoas da minha própria raça. No ponto da moralidade e seriedade moral, eu não acredito que os franceses estejam na frente da minha própria raça na América [...] Eu não acredito que o francês médio esteja à frente do negro americano, enquanto em relação a misericórdia e bondade para com os animais irracionais, acredito que minha raça está muito mais avançada. Na verdade, deixei a França com mais fé no futuro do homem negro na América do que eu jamais havia possuído.³⁷

³⁶ *Diário da Bahia*, 9 de abril de 1902, p. 2.

³⁷ WASHINGTON, Booker T. **Up from Slavery**. Nova York: Signet Classic, 2000. p. 197.

O capítulo final da resenha, publicado em 15 de abril, contextualiza *Up from Slavery* e analisa seu impacto. Bentzon chama atenção para o fato de a autobiografia ter alcançado uma repercussão muito grande quando foi serializada na revista *The Outlook*, segundo ela, “Assume as proporções de milagre a ascensão de um escravo, filho de raça desprezada, à esfera em que pairam os personagens superiores de um país de elevada civilização.” Mas, a autora também lembra aos seus leitores que Washington não foi o único negro a conseguir esta façanha nos Estados Unidos, e cita Frederick Douglass, além de outros nomes que não são tão conhecidos hoje em dia: o senador Blanche Kelso Bruce (1841/1898); Hiram Rhodes Revels (c. 1827/1901), o primeiro senador negro dos Estados Unidos; o bispo Daniel Alexander Paine (1811/1893), que além de religioso era educador e escritor; e o educador, historiador e biógrafo William J. Simmons (1849/1890).

Bentzon compara o livro de Washington com a obra de outro autor negro lançada na mesma época, *The American Negro: What He Was, What He Is, and What He May Become* (O negro americano, o que ele era, o que ele é, e o que pode se tornar), de William Hannibal Thomas,³⁸ a quem ela caracteriza como

[...] um homem de cor traidor à sua raça à qual expõe num quadro triste. Em seu conceito o negro é inteligente, porém propenso ao roubo e quanto a costumes não há nenhum de quinze anos, rapaz ou rapariga, que guarde a inocência. Afirma que noventa por cento dos negros levam vida desregrada na América e busca demonstrar que até agora o liberto nada produziu de bom.³⁹

É neste contexto que Bentzon, pela primeira vez, menciona Du Bois e caracteriza-o como um “eminente homem de cor,” “laureado pela Universidade da Harvard, atualmente professor de história e economia política na Universidade da Atlanta.” Cita sua pesquisa sobre o negro na Filadélfia para demonstrar que os nortenhos também desprezavam o negro e que o preconceito naquela cidade era de uma “extraordinária violência.” Embora Washington tenha aconselhado os negros a permanecerem no Sul, Bentzon reconhece que, naquela região, “o ódio de raça quando rebenta, é medonho. São notórios os fatos de justiça sumária aplicadas aos negros acusados de crime irremissível: ultraje ou tentativa de ultraje em mulher branca.” E relata vários

³⁸ THOMAS, William Hannibal. **The American Negro: What He Was, What He Is, and What He May Become.** Nova York: The Macmillan Company, 1901.

³⁹ *Diário da Bahia*, 15 de abril de 1902, p. 2.

linchamentos, a maioria dos quais acontecera fora da região Sul (além do estado da Geórgia e da cidade de Nova Orleans, ambos no Sul, cita casos que ocorrerem nos estados de Kansas, Colorado e Ohio).

Finalmente, opina que, após a Emancipação, a posição do negro tornou-se ainda mais difícil: “Então para ser tratado humanamente bastava-lhe ser honesto e fiel servidor; hoje se quiser guardar papel de homem livre, cumpre-lhe ter demasiada prudência, política sutil e virtudes de santo”.⁴⁰ Enquanto concede que “os Booker Washington serão sempre raros,” acredita que “o desenvolvimento da raça precisa de milhares deles” e cita as palavras de um pastor negro: “Sim, milhares de Washington – um em cada curva da estrada, uns em cada montanha.” E Bentzon conclui: “Da mesma sorte ser-nos-ia preciso tê-los para a cruzada do ‘desdobramento da indústria sob as condições de moralidade’, e transformação dos nossos bacharéis medíocres em bons agricultores”.⁴¹

Do “negro mais inteligente da América” a “Uncle Tom”

Os artigos analisados acima podem ser encontrados nos arquivos da Biblioteca Pública da Bahia e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), do qual Manuel Querino era sócio-fundador, depois beneficente e, portanto, poderia tê-los acessado nessa instituição. Mas, graças à hemeroteca digital disponibilizada *online* pela Biblioteca Nacional,⁴² também encontrei o nome de Booker T. Washington citado em vários jornais, do período entre 1901 e 1957, de três outras cidades: Rio de Janeiro, São Paulo e Juiz de Fora.

Em 24 de outubro de 1901, a coluna “À Toa” do jornal *Cidade do Rio*⁴³ destaca, com grande ironia: “o famoso jantar na Casa Branca causou revolta nos Estados Unidos, mas norte-americanos em Santos ficaram indignados quando um barbeiro brasileiro se recusou a atender seu cônsul negro cinco ou seis anos antes.”⁴⁴

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Ibidem.

⁴² <http://hemerotecadigital.bn.br/>

⁴³ *Cidade do Rio*, p. 2.

⁴⁴ Segundo Losch: “Em 1893, Henry Clay Smith foi nomeado pelo Presidente Grover Cleveland para ser cônsul em Santos, numa tentativa de agradar o pequeno bloco negro dentro do Partido Democrata. Em 1896, houve um escândalo, quando saiu nos jornais que Smith tinha deixado a mulher e os cinco filhos desamparados em Washington, e ele renunciou ao cargo pouco antes de ser demitido” (2009, 239).

Como vimos, no dia 3 de maio de 1902, o jornal carioca *O Paiz* publicou o mesmo artigo sobre a resenha de Léger que apareceu no *Diário da Bahia*. No dia 26 de outubro do ano seguinte, outro jornal carioca, o *Correio da Manhã*, divulgou a seguinte notícia na seção “Carta parisiense”:

Paris, 2 de outubro

Encontra-se neste momento em Paris o negro mais inteligente da América, o único negro, que o presidente Roosevelt admite no seu palácio. É o famoso Booker Washington, o novo Messias preto.

Este homem extraordinário, que na mais tenra idade foi pobre, vivendo a vida mais miserável, é hoje um capitalista riquíssimo e um grande filantropo. Graças a Booker os negros da América do Norte vão ter as liberdades e as considerações, que nunca tiveram.

Foi ele quem fundou a Universidade para os negros, em que os professores são também homens de cor.

Os jornais tinham anunciado que Booker partira para a Europa a organizar um ensaio de colonização no Soldão [Sudão] para os negros da América do Norte e do Sul. E que essa colônia das margens do Nilo era protegida com a grande fortuna do archi-milionário Leigh Hunt. Assim os 8 a 10 milhões de negros das duas Américas civilizariam a África, longe do ódio dos brancos.

Será verdade? Irá avante esse projeto gigantesco? Interrogado pelo diretor de um jornal parisiense, Booker não disse coisa alguma de positivo. Nem sim nem não. Mas afirmou que a missão era sobretudo na América. É ali que elle trabalha com sublime vontade para elevar moral e materialmente o negro que os americanos tanto desprezam.

Graças a Booker existe já na livre América a Universidade negra de Tuskegee onde 1.400 pretos recebem uma solida instrução que lhes é administrada por 100 professores também pretos.

- Os negros, diz Booker, devem ser um grande fator da vida americana. A União tem necessidade do preto. É preciso que eles sejam excelentes trabalhadores manuais, rivalizando com o branco no amor ao trabalho.

*Quando aparecerá no Brasil um outro Booker para elevar o nível do negro e salvar aqueles que abolição da escravidão lançou no vácuo, na incerteza...*⁴⁵ [grifo nosso]

Este relato foi reproduzido na edição de 1905 do Almanaque Brasileiro (p. 393), sem a frase grifada.

Em 26 de agosto de 1903, a *Gazeta de Notícias*, outro jornal carioca, anunciou na primeira página que Washington, “negro filósofo, diretor moral dos afro-americanos dos Estados Unidos,” pretendia “fundar uma nova universidade para *coloured men*,” e defendeu: “Booker vai fundar uma universidade. Para que? Os Estados Unidos precisam resolver a crise com o desaparecimento do negro.” Citou os esforços para transportar os

⁴⁵ *Correio da Manhã* [Rio] Segunda-feira, 26 de outubro de 1903, p. 3.

afro-americanos para a Libéria, Cuba e as Filipinas e observou que Stanley, o explorador inglês, aconselhava “exportá-los para o Congo Livre. Para que não se acabe pelo extermínio total é este o meio.” O artigo conclui opinando que o estabelecimento de mais uma universidade para negros poderia prejudicar essa “solução pacífica.”

Como vimos, o obituário de Th Bentzon, publicado no *Correio Paulistano* em 15 de fevereiro de 1907, elogia sua resenha de *Up from Slavery* e faz um comentário positivo sobre Washington e seu trabalho:

No começo do governo do presidente Theodoro Roosevelt, a sra. Th. Bentzon chamou a atenção dos leitores franceses para uma das mais características individualidades dos Estados Unidos, sr. Booker Washington, cuja energia moral e lúcida inteligência, haviam obtido do atual presidente dos Estados Unidos um apoio formal para suas iniciativas bem orientadas em favor da educação do elemento negro dos Estados Unidos.

No dia 29 de outubro de 1911, a *Gazeta de Notícias* publicou uma nota na página 7 intitulada “O ódio de raça,” em que diz que o livro que “o famoso professor e escritor negro Booker Washington” acabou de publicar conta uma anedota sobre um negro que consegue contornar as restrições da segregação.⁴⁶

Em 3 de janeiro de 1912, o *Correio Paulistano* publicou uma matéria de primeira página sobre “A Questão das Raças” que traça uma resenha do Congresso das Raças Humanas, realizado em Londres, e faz menção a “[...] mr. Burchharot [*sic*] Du Bois, o chefe incontestável da intelectualidade negra nesse país.” Mas, a figura mais elogiada e comentada nessa matéria é “Booker E. [*sic*] Washington,” caracterizado como “uma das personalidades a quem mais deve a educação dos negros” e que:

Com um ardor incansável, por toda a parte faz conferências em favor de seus irmãos de sangue e tem fundado numerosas escolas. Mas a sua criação mais notável, a que fará a sua glória, é o vasto Instituto que organizou em 1881 em Euskegee [*sic*], no Alabama, destinado à educação profissional dos negros. Este estabelecimento está em condições admiráveis para desempenhar a missão que tem em vista. Numerosos alunos de ambos os sexos e de todas as idades aí recebem um ensino prático sob todos os pontos de vista adaptável à sua condição social. Uma seção pedagógica prepara

⁴⁶ Washington conta que um conhecido seu, atrasado e temendo perder o trem, teve que lidar com um cocheiro que “em tom de desprezo, disse que não costumava transportar negros no seu carro.” Mas o homem negro achou a solução: se ofereceu a dirigir o carro e, ainda por cima, pagar pela corrida. O objetivo dessa história era “[...] ilustrar que, apesar do preconceito racial, as desvantagens a que seu povo foram submetidos no Sul eram, afinal, superficiais e não interferiam com suas oportunidades de trabalho e renda”. SCOTT, Emmett J.; STOWE, Lyman Beecher. **Booker T. Washington: Builder of a Civilization**. Garden City, Nova York: Doubleday Page & Company, 1916. p. 30-31.

professores dos dois sexos que, por sua vez, vão propagar em outras regiões a benéfica ação do Instituto.

É por processos desta natureza que se apressa o levantamento de um povo. É certo que a obra realizada por mr. Booker E. Washington e o entusiasmo com que ele trabalha para o desenvolvimento da raça negra e sua aproximação da raça branca tem mais valor que muitos discursos e publicações literárias.

Todavia, os brilhantes resultados conseguidos e de que ele, com muita razão, se pode orgulhar, não bastam a esse filantropo. A sua ambição é fazer com que os outros aproveitem com a sua experiência; o seu desejo é executar o conselho dos que caminham para o mesmo fim que ele e têm provavelmente algum bom ensinamento a comunicar. Concebeu o plano de convocar em 1912 em Euskegee uma conferencia para a qual convidará os missionários, os legisladores e todos os que estão interessados ou à testa de empresas semelhantes à sua.

As pessoas que se reunirem neste congresso terão ocasião de estudar os métodos seguidos nos Estados Unidos e de lhes constatar os resultados e verão até que ponto esses métodos poderão ser aplicados em outras regiões do globo.

Brevemente, nessa reunião, serão discutidos os melhores sistemas de educação dos negros. Cada um aí exporá a sua maneira de ver, dará parte das suas observações e do que pessoalmente tenha obtido [grifo nosso].

Em 30 de setembro de 1912, o *Correio da Manhã* publicou uma matéria sobre escolas normais em que cita Booker T. Washington, e o Instituto Tuskegee como um exemplo dos avanços alcançados por instituições de qualificação de professores nos Estados Unidos.

No dia 17 de setembro de 1913, um artigo intitulado “Miguel Calmon,” publicado no jornal carioca *O Imparcial* (pág. 4), analisa o apelo do estadista à instrução universal no Brasil:

[...] instrução difundida por toda parte; instrução propagada pelas estradas de ferro, pondo em comunicação os centros mais cultos com as zonas recônditas do interior; instrução recebida pelo exemplo de colonos importados de nações adiantadas, que nos trouxessem hábitos de trabalho racional; instrução profissional, não feita de palavras, mas de obras, de que Booker Washington nos dera modelo imperecível.

Não encontrei nenhum obituário de Washington publicado no Brasil imediatamente após sua morte, no dia 14 de novembro de 1915, fato amplamente veiculado nos Estados Unidos e em vários países do mundo.

Já em 1921, no *Correio da Manhã*, outra matéria, intitulada “O problema do negro,” publicada no dia 22 de setembro na página 2, apresenta Washington como porta-voz e defensor do negro:

Os pretos já disseram filosoficamente pelos lábios desse grande apóstolo que era Booker Washington, que eles não vieram espontaneamente da África para a América [...] Os brancos é que foram lá buscá-los. Agora, eles se sentem perfeitamente à vontade no novo “heimat,” e não têm nenhum interesse em mudá-lo.

O *Correio Paulistano*, no dia 6 de outubro do mesmo ano, publicou um artigo na página 3, assinado por “João do Norte” (pseudônimo do intelectual e líder integralista cearense Gustavo Barroso, segundo Oliveira),⁴⁷ intitulado “A universidade negra,” em que elogia o trabalho de Washington e faz a seguinte observação assaz otimista:

Não possuímos no Brasil, onde a raça africana tem produzido assombrosas inteligências, um Tuskegee College, uma universidade-negra, nem tipos que tenham realizado um grande e nobre programa como esse extraordinário Booker Taliaferro Washington. *E isto só nos deve orgulhar, porque é a prova de que no nosso país não se dividem pelas cores os que querem estudar e todos são, não desta ou daquela raça, porém sim brasileiros e irmãos* [grifo nosso].

No dia 15 de outubro de 1922, *O Pharol*, de Juiz de Fora, publicou um artigo sobre mestiçagem assinado pelo poeta, polemista e educador mineiro Mário de Lima, para quem: “As teorias de Wachez [*sic*] Lapouge e Gobineau são preconceitos desmoralizados que o caso do Japão, os progressos políticos da China e a obra pedagógica de Booker Washington, nos Estados Unidos, arrasaram por completo,” e conclui: “Sobre as ruínas da doutrina das raças mortas, edifica-se a doutrina dos povos vivos”.⁴⁸

A edição do *Correio da Manhã* de 11 de outubro de 1923 (pág. 4) traz um artigo intitulado “Expansão de um preconceito... ou esboço de um protetorado,” que fala sobre o racismo nos Estados Unidos e caracteriza o jantar com o “genial mestiço” na Casa Branca como um gesto singular do presidente Roosevelt.

⁴⁷ OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. “O conservadorismo a serviço de memória: Tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso.” Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nov. 2003. Disponível em <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/5077/5077_3.PDF> Acesso em 3 de maio de 2013. p. 17.

⁴⁸ *O Pharol* [Juiz de Fora, Minas], 15 de outubro de 1922, p. 2.

Uma matéria no *Diário Nacional* (São Paulo), que saiu no dia 3 de fevereiro de 1928 (pág. 7), intitulada “O ‘orfanato’ D. João Nery,” anuncia que “acabam de ser lançadas as bases da importante iniciativa do Centro Palmares,” e elogia Washington como uma referência na área da educação do negro, embora considere que sua obra

ainda não teve seguidores em outros países, em que a educação dos homens negros constitui um dos problemas nacionais. Entre esses países, em primeiro lugar estamos nós, que contamos com uma percentagem bem vultosa, em algumas partes de nosso território. Entretanto, aproximam-se as consequências do desleixo indígena pela educação dos homens negros que aqui nasceram.

No dia 21 de junho de 1928 (pág. 6), o segundo capítulo de uma “patriótica conferência” intitulada “O Brasil e a raça,” de Baptista Pereira, serializada no *Correio Paulistano*, cita Washington como um paradigma da raça negra, junto com José do Patrocínio.⁴⁹

Já em 1934, uma nota de primeira página publicada em *A Noite* (Rio) no dia 1 de novembro, intitulada “O vôo negro,” anuncia que “tocará no Brasil ‘The Booker T. Washington’,” informando que dois aviadores norte-americanos negros estavam preparando um *raid*, um voo pan-americano da boa vontade organizado pelo Instituto Tuskegee, “centro universitário dedicado exclusivamente à educação dos jovens da raça de cor,” num avião batizado com o nome do fundador dessa instituição.

No dia 7 de novembro de 1937, o *Correio da Manhã* publicou um artigo de quase uma página inteira (pág. 12, Suplemento), intitulado “O negro que jantou com Roosevelt.” Assinado por Luciano Lopes, pastor batista, professor de história, e membro da Academia de Letras do Rio,⁵⁰ o texto faz uma comparação entre Washington e o grande campeão de boxe da época:

O mundo inteiro tem hoje os olhos voltados para Joe Louis, que soube com um murro possante derrubar o seu contender; mas ninguém se lembra já daquele outro negro de nome Washington, que havendo sido escravo praticou o milagre de conseguir, por seu próprio esforço, notável educação e tornou-se o apóstolo do bem entre os seus companheiros de infortúnio.

⁴⁹ Baptista Pereira publicou um livro de 153 páginas com o mesmo título (1928).

⁵⁰ VILLAÇA, Antonio Carlos. **O nariz do morto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 87.

A matéria é ilustrada com duas cenas de negros (seriam escravos?) em ambientes tropicais e um retrato, supostamente de Washington, que traz uma vaga semelhança com as feições do educador, mas reflete fielmente sua postura séria e decidida.

O *Correio da Manhã*, no dia 21 de outubro de 1939, publicou um artigo sobre Booker T. Washington e George Washington Carver, o ilustre botânico que passou boa parte de sua vida lecionando e fazendo pesquisa no Instituto Tuskegee.

A seção ‘Livros’ da página 5 de *A Noite* anunciou em 18 de agosto de 1940 o lançamento da tradução de *Up from Slavery* de Graciliano Ramos:

[...] apresenta-se ao público brasileiro a famosa obra de um negro que sacrificou toda a sua vida em holocausto à sua raça, nos Estados Unidos. Sabe-se que o presidente Mc. Kinley [*sic*], apesar do rigor do preconceito de raça em sua pátria, visitou pessoalmente o negro que, de cativo, se elevou à mais gloriosa evidência social, conseguindo organizar toda uma imensa obra em prol da raça desprezada.

No dia 12 de fevereiro de 1951, o jornal carioca *Imprensa Popular* publicou uma nota na primeira página intitulada “Assassinados pelo racismo americano,” ilustrada com fotos de vários afro-americanos e informando que “Sete norte-americanos, pertencentes à raça que deu aos Estados Unidos um grande cientista como Booker Washington, um grande escritor como Langston Hughes e grandes artistas como Paul Robeson e Marian Anderson, morreram esta semana na cadeira elétrica.” Neste caso, o autor pode ter cometido o erro, não incomum, de confundir Booker T. Washington e George Washington Carver, dois ilustres afro-americanos que também tinham em comum o nome Washington e uma forte ligação com o Instituto Tuskegee.⁵¹

A revista *Seleções do Reader’s Digest* anunciou em *A Noite*, em 1º de março de 1956 (pág. 6) que uma das seleções seria “A Janela Lavada”:

Por volta de 1858, Booker T. Washington nascia escravo, numa fazenda da Virgínia. Até bem crescido, já rapazinho, só usava uma peça de roupa, uma camisa feita de aniagem. Mas, viria a tornar-se um dos mais distintos educadores da América. E ele mesmo conta a história de como uma mulher branca ensinou-lhe num único dia a lição que lhe abriria as portas para uma vida civilizada.

⁵¹ A posição antiamericana dessa publicação fica evidente em vários artigos na mesma página, inclusive uma referência ao “imperialismo ianque” e títulos como “Os ianques confiam em Vargas,” “Bandidos americanos agridem um brasileiro” e “Mais um gangster fardado vem organizar hospitais de sangue ianques no Brasil.”

Um artigo assinado por Cândido Mendes, sobre o selo de 3 centavos lançado nos Estados Unidos para comemorar o centenário do nascimento de Booker T. Washington, saiu no *Correio da Manhã* no dia 2 de setembro de 1956 (pág. 13, 5º Caderno). Informa que 120 milhões de exemplares do selo foram produzidos, com uma imagem de uma cabana parecida com o casebre em que Washington nasceu, e resume assim sua vida:

Nascido numa plantação do sul de Franklin, na Virginia, em abril de 1856, Booker Washington trabalhou ainda criança em minas de carvão. Matriculou-se mais tarde no Instituto Normal e Agrícola Hampton onde trabalhou para pagar seus estudos. Foi pedreiro e mais tarde professor. Nos dias difíceis de depois da Guerra Civil e da emancipação dos escravos, Washington ficou famoso pela mensagem que dirigiu aos brancos e negros do Sul, para trabalharem em conjunto no desenvolvimento da amizade entre as duas raças [...]
Tendo se formado pelas Universidades de Harvard e Dartmouth,⁵² Washington escreveu mais de 10 livros sobre a melhora das relações raciais e a educação de seu povo. Um destes livros, sua autobiografia, “Up from Slavery” tornou-se clássico e foi traduzido para mais de 20 línguas.

É difícil determinar se o autor pesquisou ou traduziu estas informações. A palavra *pedreiro* pode ter sido confundida com porteiro, uma má-tradução de *concierge* que vimos na resenha de Th Bentzon no *Diário da Bahia*. Não há nenhuma referência específica à tradução realizada por Graciliano Ramos, lançada em 1940. Pode ser que, até 1956, essa obra tenha sido esquecida, uma vez que nunca passou da primeira edição. Apesar de ser um dos mais ilustres autores do Brasil, a qualidade da tradução pode ter sido comprometida por seu desprezo pelo autor da obra.⁵³

A última menção a Booker T. Washington que encontrei na hemeroteca da Biblioteca Nacional é um artigo da autoria do socialista, jornalista e historiador social Raymond Postgate, intitulado “Novos pontos de vista sobre o sistema soviético.” Foi publicado no *Correio da Manhã* em 31 de maio de 1957 (pág. 7), e ali Postgate escreve: “Poucas pessoas escreveram de modo tão compreensivo quanto [Padmore] acerca de Marcus Garvey, que se elegeu o “imperador negro,” na década de 1920 ou sobre Booker Washington, o porta-estandarte do grupo que se chamou Uncle Tom, na geração anterior.”

Depois desta data, a única menção à palavra “Booker” que encontrei na hemeroteca se refere ao seu neto, o saxofonista Booker Pittman, filho de sua filha das

⁵² Washington recebeu um mestrado honorário da Harvard e um doutorado honorário da Dartmouth.

⁵³ RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1979. p. 211-217.

primeiras núpcias, Portia Pittman, e padrasto e parceiro musical da cantora brasileira Eliana Pittman.

Considerações finais

Um novo olhar sobre Washington, no Brasil de hoje, não só poderia resultar numa reinterpretação de suas estratégias e táticas, mas seria útil também para nos lembrar da absoluta falta de oportunidades de educação para os libertos neste país após a Abolição em 1888. A combinação de discriminação racial com a falta de instrução e qualificação levou a uma condição que outro intelectual afro-brasileiro, o sociólogo Jessé de Souza, descreve como a desclassificação e marginalização permanente de pessoas brancas e negras.⁵⁴

Já em 1902 e, provavelmente, bem antes, figuras como Booker T. Washington e Frederick Douglass eram conhecidas no Brasil. No entanto, em 1916, Manuel Querino apontou apenas Washington como referência e representante dos negros dos Estados Unidos. Pode ser que Querino se identificasse com Washington porque ambos vieram de origens humildes e lutaram para ter educação, trabalhando para financiar seus estudos, Washington como zelador e Querino como pintor. Querino compartilhou com Washington o desejo de garantir que os negros pudessem, pelo menos, aprender um ofício que lhes permitissem sobreviver e até prosperar após a Abolição. No entanto, nenhum esforço foi feito no Brasil para educar os negros libertos. Nos primórdios da Primeira República, Querino foi aos jornais denunciar a falta de oportunidades de educação profissional, que estavam sendo progressivamente eliminadas (Gledhill, no prelo).

Saber que instituições educacionais para os libertos e seus descendentes existiam nos Estados Unidos, mas não no Brasil, onde as relações raciais eram menos violentas, a miscigenação um fato consumado e a segregação mais velada, certamente, lhe deu motivos para valorizar as conquistas de Washington. Como o autor da “Carta Parisiense”,⁵⁵ Querino e outros intelectuais afro-brasileiros devem ter se perguntado

⁵⁴ SOUZA, Jessé de. Por uma teoria da ação social da modernidade periférica: um diálogo crítico com Florestan Fernandes. In: _____. (ed.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 61.

⁵⁵ *Correio da Manhã*, 26 de outubro de 1903, p. 3.

muitas vezes: “*Quando aparecerá no Brasil um outro Booker para elevar o nível do negro e salvar aqueles que a abolição da escravidão lançou no vácuo, na incerteza...*”

Referências bibliográficas:

Jornais consultados

Almanaque Brasileiro
A Noite – Rio de Janeiro (RJ)
Correio da Manhã – Rio de Janeiro (RJ)
Correio Paulistano – São Paulo (SP)
Diário da Bahia – Salvador (BA)
Diário Nacional – São Paulo (SP)
Gazeta de Notícias – Rio de Janeiro (RJ)
Imprensa Popular – Rio de Janeiro (RJ)
O Imparcial – Rio de Janeiro (RJ)
O Paiz – Rio de Janeiro (RJ)
Pharol – Juiz de Fora (MG)
Quilombo – Rio de Janeiro (RJ)

Livros, artigos, teses e sites

BAKER, Ray Stannard. **Following the Color Line: An Account of Negro Citizenship in the American Democracy**. Nova York: Doubleday, Page & Company, 1908 (Kindle e-book).

BONTEMPS, Arna. **Young Booker: Booker T. Washington's Early Days**. Nova York: Dodd, Mead & Company, 1972.

BURNS, E. Bradford. Manuel Querino's Interpretation of the African Contribution to Brazil. **The Journal of Negro History**, v. 59, n. 1, p. 78-86, Jan/1974.

COOK, Mercer. Booker T. Washington and the French. **The Journal of Negro History**, v. 40, n. 4, p. 318-340, Oct., 1955. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2715657>> Acesso em 22 de abril de 2012.

DAVIS, Deborah. **Guest of Honor: Booker T. Washington, Theodore Roosevelt, and the White House Dinner that Shocked a Nation**. Nova York: Atria Books, 2012.

DEGLER, Carl. **Neither Black nor White: Slavery and Race Relations in Brazil and the United States**. Madison, Wisconsin: U Wisconsin P, 1971.

DU BOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Trad., introdução e notas de Heloísa Toller Gomes. Posfácio de David G. Du Bois. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

DUNCAN, Russell. **Where Death and Glory Meet: Colonel Robert Gould Shaw and the 54th Massachusetts Infantry**. Athens, Georgia, and London: U of Georgia P, 1999.

FANON, Frantz. **Black Skin, White Masks**. Trad. Richard Philcox. Prefácio de Kwame Anthony Appiah. Nova York: Grove Press, 1967.

FISHER, Isaac. The Funeral of Booker T. Washington. **Montgomery Advertiser**, Nov. 21, 1915, p. 16. Disponível em <<http://www.btwsociety.org/library/honors/05.php>> Acesso em 4 de abril de 2013.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. Aurora negra: Afro-paulistas e afro-americanos na modernidade. In: VIEIRA, Vinícius Rodrigues; JOHNAON, Jacquelyn (Eds.). **Retratos e espelhos: Raça e etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos**. São Paulo: FEA/USP, 2009. p. 55-75.

FRANKLIN, Benjamin. “Franklin’s Arrival in Philadelphia”. 1846. Disponível em <<http://genealogytrails.com/main/phillyarrival.html>> Acessado em 6 de abril de 2013.

GALE, Robert L. Marie-Thérèse de Solms Blanc. In: **A Sarah Orne Jewett Companion**. Westport, Conn.: Greenwood Publishing Group 1999. p. 28-29.

GILROY, Paul. **The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness**. Cambridge, Mass.: Harvard UP, 1993.

GLEDHILL, Sabrina. Manuel Querino: operários e negros diante da desilusão republicana. In: BACELAR, Jeferson e PEREIRA, Cláudio, organizadores, **Política, instituições e personagens da Bahia (1850 – 1930)**. Salvador: EDUFBA, 2013.

HARLAN, Louis R. **Booker T. Washington: The Making of a Black Leader, 1856-1901**. 1ª edição. Londres, Oxford, Nova York: Oxford University Press, 1972.

HARLAN, Louis R. **Booker T. Washington: The Making of a Black Leader, 1856-1901**. Londres, Oxford, Nova York: Oxford UP, 1975.

_____. **Booker T. Washington: The Wizard of Tuskegee, 1901-1915**. Oxford, Nova York: Oxford UP, 1983.

_____. **Booker T. Washington in Perspective: Essays of Louis R. Harlan**. Organizado por Raymond Smock. Jackson e Londres: UP of Mississippi, 1988.

LEAL, Claudio; ALBERGARIA, Roberto. ‘Cid Teixeira: “O certo seria o Dia da Consciência Mulata”’. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4253618-EI6581,00-Cid+Teixeira+O+certo+seria+o+Dia+da+Consciencia+Mulata.html>> Acesso em 18 de maio de 2013.

MARABLE, Manning. **Malcolm X: A Life of Reinvention**. Nova York: Viking, 2011.

NORRELL, Robert J. **Up from History: The Life of Booker T. Washington**. Cambridge, Mass., Londres: Belknap Press of Harvard UP, 2009.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. “O conservadorismo a serviço de memória: Tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso.” Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nov. 2003. Disponível em <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/5077/5077_3.PDF> Acesso em 3 de maio de 2013.

QUERINO, Manuel. **A Bahia de outrora**. 3a ed. Prefácio e notas de Frederico Edelweiss. Salvador: Livraria Progresso, 1946.

_____. **Costumes africanos no Brasil**. 2ª ed. Organizado com prefácio e notas de Raul Lody. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1988.

_____. Notícia biographica do Dr. Manuel Correia Garcia. *In: O Instituto Histórico da Bahia e seu Periódico (1856-1977) Edição fac-similar*. Salvador: A Fundação, 2001.

_____. Contribuição para a história das artes na Bahia: os quadros da Catedral. *In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA Hugo (Orgs.). Manuel Querino, Seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador, Bahia: IGHB, 2009, p. 131-137.

PEREIRA, Baptista. **O Brasil e a raça**. Conferência feita na Faculdade de Direito de São Paulo a 19 de junho de 1928. São Paulo: Emp. Graphica Rosetti Ltda., 1928.

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

SENADO FEDERAL – Portal Senadores. Biografia – Severino dos Santos Vieira. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=2235> Acesso em 18 de maio de 2013.

SILVA, Kátia Maria de Carvalho. **O Diário da Bahia e o século XIX**. Rio de Janeiro: Edições Tempo, 1979.

SCOTT, Emmett J.; STOWE, Lyman Beecher. **Booker T. Washington: Builder of a Civilization**. Garden City, Nova York: Doubleday Page & Company, 1916.

STOWE, Harriet Beecher. **A cabana do Pai Tomás**. Trad.: Carline Ramos Kurukawa. São Paulo: Madras 2004.

SOUZA, Jessé de. Por uma teoria da ação social da modernidade periférica: um diálogo crítico com Florestan Fernandes. *In: _____. (ed.). A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

THOMAS, William Hannibal. **The American Negro: What He Was, What He Is, and What He May Become**. Nova York: The Macmillan Company, 1901.

VILLAÇA, Antonio Carlos. **O nariz do morto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

WASHINGTON, Booker T. “My View of Segregation Laws,” 4 de dezembro de 1915. Disponível em <<http://teachingamericanhistory.org/library/index.asp?document=1152>> Acesso em 6 de março de 2012.

_____. **Memórias de um negro**. Traduzido por Graciliano Ramos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

_____. **Up from Slavery**. Nova York: Signet Classic, 2000.